

## ALÉM-MAR: O BARCO DA MEMÓRIA DESÁGUA NA POESIA

Sarah Diva as Silva Ipiranga (UECE)

Na produção literária brasileira do séc. XX, notadamente a que tem origem na região Nordeste, uma escrita com tom memorialista toma fôlego e ímpeto, sobretudo nas obras de Graciliano Ramos e José Lins do Rego. Os dois escritores, amigos e contemporâneos do Brasil que vivenciaram em suas vicissitudes e bonanças, legaram à posteridade uma tradição que entrecruza memórias pessoais e vivências da região, sendo o espaço um *locus* privilegiado na rememoração de ambos. Infância, sertão e velhice montam um quadro revelador da experiência dos dois escritores entre tragédias particulares e políticas, histórias de morte e encarceramento. O curral alegre e fértil de Zé Lins tem como contraface a dureza da vida severina do Graciliano menino. Com dores e estilos distintos, recuperaram uma parte de si e da história da região que habitaram.

Neste mesmo período literário, viveu no Ceará **Jáder de Carvalho**, escritor que, infelizmente, não passou à fama nacional como seus colegas mais conhecidos (foi amigo de Graciliano Ramos e Jorge Amado) ou o conterrâneo José de Alencar. Escritor de pena farta, publicou romances, crônicas, poesias, tratados sociológicos, artigos jornalísticos. Além disso, fundou dois jornais, criou uma editora, deu aula, produziu tijolos. Enfim, foi um autor que esteve presente em várias frentes de batalha da palavra e da vida. Sua trajetória, muito vinculada aos movimentos sociais do estado, filiado que foi ao Partido Comunista, tem histórias mil espalhadas pela cidade. Famoso por ser combativo, quase um incendiário, teve na poesia a expressão máxima tanto de seu espírito guerreiro quanto do lirismo e melancolia que são contraditoriamente sua marca maior.

A permanência no Ceará, recusando o exílio que marca tradicionalmente a trajetória dos escritores cearenses, talvez explique o desconhecimento de sua obra no cenário nacional. Já em Fortaleza, cidade famosa por negar memória aos seus, fala-se dele como o romancista de *Aldeota* (1963), seu livro mais famoso e das muitas diabruras que aprontou com os políticos conservadores de então. No entanto, é pouco para acompanhar

e aquilatar o valor da sua produção. Além dos livros mais conhecidos, que atestam seu lado combativo (*Dr. Geraldo* e *Classe Média* - 1937; *Sua majestade, o Juiz* - 1962), encontramos esquecidos nos sebos da cidade ou no setor de obras raras das Bibliotecas Públicas um tesouro poético adormecido de lembranças que montam o homem e seu tempo (*Alma em trovas* - 1934; *Água da fonte* - 1966, *Cantos da morte* -1967; *Temas eternos* - 1973; *Menino só* -1977, *Delírio da solidão* – 1980; *Rua da minha vida* - 1981).

Passeando pelas obras, visualizamos um percurso de experiências que aos poucos vão montado um painel da formação do escritor: o sertão onde nasceu, na Serra do Estêvão, e sua vivência de infância; a vida na cidade, em Fortaleza, a casa onde morou e gerou filhos; o desgaste da velhice e a iminência da morte que se anuncia na solidão diária dos anos. A vertente engajada, que como falamos anteriormente é a mais conhecida do escritor, encontra justificativa em vários depoimentos de Carvalho, para quem o compromisso social era vital e inadiável: “Escrevo por necessidade de desabafar. Para servir de porta-voz aos oprimidos e humilhados, que nem sempre têm uma voz fiel, exata, leal e sincera, de que eles possam se servir” (LEAL, 2000, p. 57).

Ao lado dessa produção social, avizinha-se uma outra com a qual mantém relações de compartilhamento de sentidos: a poesia regional (*Terra bárbara, Terra de ninguém*). Nela o poeta reforça imagens habituais do sertão, dando-lhe um alcance lírico singular, o que o distingue dos poetas corriqueiros que embrenharam por essa vertente. Sabe-se que a poesia regional tem como uma das suas características a manutenção das imagens e significados do *locus* retratado, até mesmo porque ela objetiva vivificar a tradição; por isso não é de se esperar que seja inovadora ou revolucionária. Na verdade, ela assenta e espelha imagens que são reconhecidas imediatamente pelo leitor, pois o espaço é coletivo e agrega significados que são comuns a um grupo.

Diante do exposto fica difícil compreender onde estarão as sombras do escritor de *Eu quero o sol* (1946). Um homem solar, que primou pela clareza das ideias sociológicas, cuja editora chamava-se Terra de Sol, tem na escuridão da tristeza o tom dos versos mais pungentes e elaborados. Assim, para conhecer melhor esse filho dos trópicos, amante da luz e do sertão, mas com uma obra abrigada na sombra da memória, escolhemos juntar

algumas pontas que dão a medida desse claro-escuro. Os dois poemas que foram selecionadas para análise visualizam as diversas personalidades encarnadas pelo eu-poético: o combatente e o melancólico. Com temas e manifestações literárias bem diversas, eles apresentam-nos a complexidade do autor e suas dores: a dor do outro, retratada na preocupação com a pobreza, e a dor de si, incrustada no painel da vida que tenta montar na velhice. Em meio a esse processo, uma escrita autobiográfica dá o tom das composições e aproxima o escritor dos chamados textos confessionais ou “escritas de si”.

### **Tempos poéticos**

Como falamos anteriormente, Jáder nasceu no interior do Estado e teve suas primeiras vivências em cidades pequenas. Já moço veio para a capital e será no enfrentamento que a cidade oferece ao jovem interiorano que a sua personalidade insurrecta vai se expressar<sup>1</sup>. Vivendo em situação-limite no que toca a sua sobrevivência financeira, enfrentou dificuldades imensas para se estabilizar. A formação em Sociologia amplia a conscientização social e o impele ainda mais para os embates com o poder. Nesta fase seu lado combativo expressa-se sobretudo nos romances, mas há ressonâncias fortes em sua poesia, principalmente quando escreve sobre a terra onde nasceu. Em “Canção proletária” (1966, p. 96), por exemplo, de forma panfletária e, em certo sentido, até ingênua, o poeta faz-se porta-voz da causa operária. Em meio a esse grito de guerra, percebe-se, na feitura literária do poema, uma mistura constante de vozes, que vão do poeta para os “outros” com quem compartilha sua condição<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Em entrevista que dá à Ângela Barros Leal, em 1981, Jáder fala um pouco sobre a vida de embates que levou: “Hoje eu sou um indivíduo que enfrenta qualquer perigo com uma tranquilidade absoluta. Essa tranquilidade, eu adquiri nas lutas quase diárias, até lutas corpo-a-corpo, ameaças de pistoleiros, agressões pessoais e tudo mais” (LEAL, 2000, p. 38). E completa: “A fase da minha vida que mais me encantou, que mais me agradou, foi aquela em que corri maiores perigos de vida, porque os problemas de eu tratava eram problemas vitais para o País... Na luta, por exemplo, contra o integralismo, contra o fascismo, cheguei a arriscar a minha pele (...) Foi, portanto, a fase da luta maior (...) aquela em que ia aos comícios sem certeza de voltar para casa” (LEAL, 2000, p. 54).

<sup>2</sup> O poema é apresentado em partes diante da sua grande extensão.

*Eu* era magro, subnutrido, como o *papai*, como o *vovô*.  
E os ricos simpatizavam comigo. Tinham pena de mim.  
Davam-me sapatos velhos e roupas já cansadas do corpo deles.  
(...)  
Vieram, um dia, os comunistas.  
(...)  
Então os ricos se zangaram.  
(...)  
*Fui* para a cadeia. Melhor: *fomos* para a cadeia.  
E na prisão raciocinei:  
Não seria melhor comprar bilhetes de Loteria, juntar o “Seu Talão Vale um Milhão”?  
Se a sorte ajudasse, a gente não poderia ter dinheiro, ficar rico, e assim, comprar a  
Revolução, como os ricos compram um palácio, um carro de luxo, um colar de pérolas?  
Mas faltou dinheiro para começar. *E continuo magro*.  
(...)  
Vamos! Comece a revolução!  
E *eu*, que não *pude* comprá-la,  
*Nós*, trabalhadores, que não *podemos* comprá-la, como o  
rico compra o seu carro de luxo...  
(...)  
*Já tenho*, *já temos* a certeza de que a Revolução é necessária e que Ela virá de qualquer  
modo.  
(...)  
E esta, ó irmãos, operários,  
Esta é a *nossa* canção!  
(CARVALHO, 1966, p. 96) (grifos nossos)

O poema parte inicialmente de uma primeira pessoa e sua condição original e particular (a criança pobre que foi), que por sua vez tem conexão com o passado (pai e avô), para só depois encontrar ressonância numa terceira pessoa: “*nós*”. Salta aos olhos a condição da magreza que acompanha a travessia do menino pelas idades. De uma pontuação denotativa, agregada à imagem do homem sertanejo, ela é alçada a outra dimensão e indica o estado de sofreguidão da classe trabalhadora, que tem na magreza a estampa da sua indignação.

Importante destacar que no corpo do poema as duas vozes, *eu* e *nós*, não se misturam, havendo uma separação clara, repetida e marcada entre elas. Era de se esperar de um poeta engajado que o *nós* suplantasse o *eu*. No entanto, somente ao final, o pronome *nosso* irmana aparentemente as duas causas, indicando talvez que mesmo em sua jornada

de guerra o escritor tenha consciência da separação entre a classe a que pertence e a dos operários. Como a repetição não é ao acaso e sim intencional, desnuda-se que a consciência social também está atravessada por uma afirmação particular, não havendo uma abdicação total do si pelo outro.

Em relação ao tempo, visualiza-se uma conjugação entre eles, pois passado (menino), presente (prisão) e futuro (revolução) parecem fundir-se na tela que a poesia cria. A vivência da pobreza e sobretudo da morte causam no menino uma angústia constante que tenta ser ultrapassada justamente pelo abraço às causas sociais. No entanto, tal estratégia, a revolução idealizada, também mostrará a sua fragilidade, pois mesmo o engajamento esbarra na permanência das injustiças e na impotência do justo, tema que é discutido com propriedade por Paul Ricoeur. Para o filósofo, o comprometimento com as causas sociais é muitas vezes secundado pela sensação de fracasso diante da obtusidade da realidade, que se mostra refratária aos investimentos de transformação. É necessária uma certa conformidade, que não quer dizer resignação, para que o viver continue a ter sentido numa outra dimensão.

Era assim, soerguendo o querer-viver até o querer comunitário e social, até o “espírito” no sentido hegeliano do termo, que se superava a angústia em seus primeiros graus; é agora, renunciando ao saber absoluto e acolhendo as eventualidades de um destino histórico, que a angústia pode ser vencida em seu estágio histórico (RICOEUR, 1968, p. 304).

Dentro do processo de formação a que o poeta é submetido pelas próprias vicissitudes da vida, ele, em determinado momento, aceita em parte as eventualidades a que Ricoeur se refere e volta-se para uma subjetividade intimista, mergulhando na nostalgia de um tempo passado. É preciso dizer que tal passagem leva uma data de anos para se fortalecer. Se pensarmos que Carvalho morreu aos 85 anos, vislumbra-se uma trajetória longa que, no espaço deste trabalho, não seremos capazes de descrever em sua totalidade. A modulação de temas e a transformação estética que a nova matéria literária exige – a rememoração- passam por um corredor de anos e experiências.

Em poema posterior (“Meu mundo”), publicado no livro *Rua da minha vida* (1981), que pelo próprio título já expõe o investimento autobiográfico que lhe corporifica, o escritor permite-se uma tela mais impressionista, com imagens que divagam sobre a condição humana e apagam, de certa forma, as tintas fortes da Revolução. O poema tem um tom de final de vida, de apanhado das vivências e procura abraçar tanto o comprometimento social, quanto a interioridade do poeta. Neste momento, podemos aproximar tal produção dos *relatos de si*, em que um eu autobiográfico se expande poeticamente para tentar aproximar-se do passado e firmar a imagem de homem que é no presente (e que se prepara para o futuro: a morte). Para que essa nova modulação ganhe forma e espírito, o poeta afasta-se das imagens telúricas, ambientadas no sertão, e embarca para mundos marinhos, cercado por arquipélagos inominados, uma paisagem humana e ancestral ao mesmo tempo. Dividido em três tempos poéticos, o primeiro expõe a paisagem que agora habita o poeta:

1

Escondo na alma toda a geografia:  
Continentes, arquipélagos, ilhas sozinhas  
[...]  
Espelham-se oceanos. Golfos se arredondam  
Ao longo de curvas de continentes.  
Enseadas recolhem-se, tímidas,  
Ora azuis, ora verdes  
Com medo – quem sabe? – de ser vistas  
E amarradas à história do homem e do mundo.  
(CARVALHO, 1981, p. 37)

Parece-nos, com essa imagem inaugural, que o poeta permite, na velhice, que sua alma dê um passeio pelo mundo, igualando planos geográficos diversos. Ele reforça, então, a ideia de um mundo imemorial que habita em todos nós, uma história que se desloca do presente e passa a planar etérea e sempre. Alfredo Bosi, ao refletir sobre a constituição do poético, assinala bem essa passagem quase mítica que o poema atravessa: “Nessa perspectiva, a instância poética parece tirar do passado e da memória o direito à existência; não de um passado cronológico puro – o dos tempos já mortos –, mas de um

passado presente cujas dimensões míticas se atualizam no modo de ser da infância e do inconsciente” (BOSI, 2010, p. 132).

Aceder a tal estado, por meio dessa viagem, só é possível através da sabedoria que a passagem do tempo traz. Uma visão que se amplia e absorve vários planos da história, da natureza, fazendo do poeta um humano quase transcendente. Daí o último verso da primeira parte do poema dizer do medo da “história”, daquela forma de ver que apreende o presente nos fatos e na visão imediata que ele proporciona. Tal história, que lembra a “Canção proletária” do mesmo autor, aprisiona o fato em suas injunções mais imediatas e seria uma percepção imperfeita. Só à natureza e à velhice (que nesse momento se aproxima da infância, pois a dimensão cronológica é abolida) é permitida uma nova relação com tempo, expressa numa flutuação ou presença contínua.

Na segunda parte, o poeta traz as antigas questões para seu discurso, mas incide sobre elas uma nova luz. A fúria do jovem que traz para si o dever de memória é esmaecida, mas não excluída do fazer poético: “Lutam raças. Adivinho surdas lutas de classe”. No entanto essa percepção é mergulhada agora na sombra, vista como uma parcela da vida e não sua completude. O mundo, que foi da prisão e da revolta, e que precisava do sol para revelar as desigualdades, apresenta-se nublado, conferindo ao estatuto social uma indefinição: “Florestas com sobras de sombras/ e também de águas ocultas/vestem a pele da terra” (CARVALHO, 1981, p. 37). As certezas adquirem uma sombra e obscurecem a verdade anterior.

Na terceira parte, por conta dessa sombra que acolhe os desconformes da corrente da vida, o poeta vê o mundo terreno numa complexidade que sai do binômio explorador-explorado/pobre-rico e migra para o imaginário marítimo, movente e com poucos lugares fixos: “Os mares, agora ululantes,/ agora calados,/ em águas aqui tranquilas, trágicas além,/ ou justificam naufrágios/ ou pedem perdão aos naufragos” (ibidem). A visão social que se depreende dessa imagem abole, em parte, a violência da opressão e mergulha todos num naufrágio coletivo (magros e gordos, opulência e miséria) e desagrega a visão vertical (alto-baixo) que norteia a compreensão sociológica. A conjunção imagética do poema encontra na disposição marítima o ancoradouro necessário para exploração dos

sentimentos que agora deseja expressar. Somente o mar, enquanto reservatório incerto, pode ser capaz de absorver a nova inquietação jaderiana, posto que o espaço da terra, em sua fixidez, não consegue mais suportar a visão de mundo do poeta.

Uma outra forma de ver esse desvio de curso é pensar também que o poeta sai de seu dever de memória e entra na memória do perdão ou do esquecimento. Segundo Gomes, num estudo que tem o pensamento de Ricoeur como base de reflexão, o dever de memória é responsável por ser testemunho dos acontecimentos traumáticos que necessitam ser expressados, portanto revelados. Indica uma ética, uma memória responsabilizada (2010, p. 646). No entanto, ele precisa ser superado para que uma outra dimensão possa se inscrever no discurso. Dentro dessa perspectiva, as imagens produzem um estado de imersão neste mundo abissal que alarga a condição humana. Do mar navega-se agora em rios, transformando o mundo poético num reservatório aquático:

Andam preguiçosamente rios velhos  
em planícies de cabelos brancos.  
Lagos, sonolentos de antiguidade,  
espelham o cansado azul do céu.  
Feras, répteis, peixes, serpentes,  
amam-se, falando línguas que ninguém entende.  
(CARVALHO, 1981, P. 37)

Uma comunhão entre tempos, paisagens, animais toma corpo e incide nas palavras de Carvalho. Alfredo Bosi poderá novamente nos ajudar a compreender essa inquietação do poeta que oscila entre o mundo e as palavras: “O tempo histórico é sempre plural: são várias as temporalidades em que vive a consciência do poeta e que, por certo, atuam eficazmente na rede de conotações do seu discurso” (BOSI, 2010, p. 142).

Ao final da terceira parte, Carvalho retoma o leme de suas indagações e presentifica o seu estar-no-mundo. Consciente do fazer poético, eleo parte para uma inquirição maior e centra sua agudeza na responsabilidade estética da palavra:

Agora, pergunto:  
como todo esse Universo,  
vivo dentro de mim,



em toda a sua complexidade,  
se mudou em palavras?  
(CARVALHO, 1981, p. 38)

A resposta a essa pergunta vai ser o motivo de sua produção mais madura. Assim, enredado na complexidade dos vários níveis de existência (político, social, discursivo, individual), o poeta procura, qual um barco, desaguar na poesia e aí encontrar a plenitude da vida em si.

### Referências

- CARVALHO, Jáder de. *Água da fonte*. Fortaleza: Instituto de Ceará, 1966.
- \_\_\_\_\_. *Rua da minha vida*. Fortaleza: Terra de Sol, 1981.
- \_\_\_\_\_. *Terra bárbara*. Fortaleza: Terra de Sol, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Menino só*. Fortaleza: UFC, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Delírio da solidão*. Fortaleza: UFC, 2001.
- IPIRANGA, Sarah Diva da Silva. “Jáder de Carvalho: um homem entre o fogo e a água”. In: *Jornal Diário do Nordeste*, Fortaleza, 22/12/2012. Disponível em <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/suplementos/ler/jader-de-carvalho-um-homem-entre-ofogo-e-a-agua-1.54998>. Acesso em 16 de março de 2015.
- LEAL, Ângela Barros. *Jáder de Carvalho*. Fortaleza: EDR, 2000.
- BOSI, Alfredo. *O ser o tempo da poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- RICOEUR, Paul. *A Memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Unicamp, 2007.
- \_\_\_\_\_. *História e verdade*. Rio de Janeiro: Forense, 1968.